

## A DISPERSÃO DO SUJEITO DO DISCURSO: DESDOBRAMENTOS PARA A DIDÁTICA DA LEITURA

Lívia SUASSUNA (Universidade Federal de Pernambuco)

**RESUMO:** neste trabalho, partimos da constatação de que ainda predomina, nas aulas de português, uma abordagem do texto que exige dos alunos apenas o reconhecimento de informações presentes na superfície textual. Isso pode ter relação com as concepções do professor acerca da linguagem e com suas próprias práticas enquanto leitor. Nesse contexto, realizamos uma análise textual baseada na Semântica do Discurso e na Pragmática, particularmente na teoria polifônica da enunciação de Oswald Ducrot. O texto analisado foi “Negócio de menino”, de Rubem Braga. Apoiados em conceitos teóricos como texto, discurso, polifonia e ideologia, exploramos os modos de constituição dos personagens da narrativa, procurando mostrar as implicações de sua dispersão para a constituição do sentido do texto. Finalmente, mostramos a relevância da análise empreendida para a didática da leitura, defendendo a necessidade da apropriação, por parte dos professores, de teorias que possam enriquecer sua prática pedagógica e formar leitores proficientes e críticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de leitura. Discurso. Formação do professor de português.

“O sentido é intervalar. Não está em um interlocutor, não está no outro: está no espaço discursivo (intervalo) criado (constituído) pelos/nos dois interlocutores.” (Eni Orlandi)

### PARTE I – DISCUSSÃO PRÉVIA

#### 1.1 – A natureza da linguagem

Iniciaremos este trabalho propondo uma reflexão acerca da natureza da linguagem, pondo em questão, principalmente, o fato de que a função informativa seria a única ou mais importante função da atividade linguística. Escoramo-nos na afirmação de Vogt (1980): “há na linguagem mais do que a inocência da informação”.

Diversos autores já chamaram atenção para as limitações das análises linguísticas que privilegiam a função informativa da linguagem e seu estatuto de código. Dentre eles, valeria a pena citar Ducrot (*apud* Vogt, 1980) e Orlandi (1983). O primeiro afirmou que a língua é um modo de vida social, insere-se num conjunto amplo de ações, constituindo uma espécie de atividade jurídica, já que fornece também as regras das relações sociais. Já a segunda diz que, mais do que interação, a linguagem instaura debate, confronto. Para ela, a escolha das formas linguísticas não se dá ao acaso, mas em função da relação que se quer estabelecer com o outro pelo uso da linguagem.

#### 1.2 – Linguagem e ideologia

Considerando, então, que a linguagem é uma das formas de ação (ou representação) social, deve-se admitir a necessária relação linguagem-ideologia. A representação do mundo é medida pela representação ideológica que se faz do outro. Vogt (1980) chama atenção para o duplo sentido do ato de linguagem: o da ação praticada pela construção do enunciado e o da representação dramática que regula o desenvolvimento dessa ação. É por isso que ele fala de “jogo de máscaras”, sendo que os diferentes papéis atribuídos ou desempenhados pelos sujeitos estão condicionados às formas de relação social entre eles.

No caso de uma análise semântica do texto, há que se levar em consideração, portanto, a relação entre sujeitos dentro das condições de produção do discurso, a forma como os indivíduos se representam no processo de interação social. Mas é preciso destacar que a relação discurso-ideologia não é mecânica; o discurso não é mero reflexo da situação social ou discursiva: o contexto de produção do discurso é constitutivo dele. O texto se constrói de forma heterogênea. Orlandi (1984) aponta para o fato de que o dizer se relaciona com as condições de produção, com o processo de interlocução, com outros discursos. Daí por que não temos liberdade absoluta do sujeito falante. No “jogo de máscaras”, cria-se uma tensão, que se esconde por trás de uma unidade apenas ilusória do texto. E esta é uma das armadilhas da ideologia: através do discurso, não se representa fielmente a realidade, mas se constrói uma determinada representação entre outras possíveis. O sentido do texto não é único nem preexistente. Pode-se falar de “efeitos de sentido”, determinados por mecanismos os mais diversos (por exemplo, o lugar social do sujeito).

### **1.3 – Texto e discurso**

O texto, como já comentamos anteriormente, tem uma constituição complexa e heterogênea, embora aparente ser uma unidade. Na verdade, ele é um processo que guarda estreitas relações com o contexto de produção e com outros textos. Se ele se constitui como uma unidade semântico-pragmática, é porque seus elementos constitutivos o estruturam exatamente pelo modo como funcionam. Quer dizer, a unidade não repousa na sequência linear dos elementos formadores.

O texto é um objeto de análise, formado de enunciados. Nesse nível pode-se dizer que o texto é uma superfície linguística com começo, meio e fim. Ele difere do discurso, na medida em que este último é um conceito teórico. O discurso comporta a representação dos interlocutores e de sua relação com o mundo. No texto, há marcas dessa representação, das quais a análise semântica deve dar conta.

Porém, faz-se necessário reconhecer que a relação entre as marcas e a significação e entre o texto e suas condições de produção é indireta. Como já foi visto, o texto não é mero reflexo da situação em que é produzido. É curioso observar que a heterogeneidade do texto dá lugar a uma aparente unidade, entre outros fenômenos, pela ilusão de se considerar o autor como unidade e origem das significações discursivas, como o responsável pelos seus dizeres e pela sua coerência (GUIMARÃES e ORLANDI, 1986). Então, a análise semântica deve também explicitar como se dá o processo pelo qual a heterogeneidade e a aparente unidade são constitutivas do texto.

### **1.4 – A constituição do sentido**

A busca de sentido que propomos neste trabalho está condicionada ao que já colocamos até agora sobre o uso da linguagem, a relação linguagem-ideologia e a heterogeneidade da constituição do texto. Isso significa, então, que não há um sentido literal ou que pré-exista ao desvelamento do texto. Não há preocupação, no caso, com as condições de verdade do enunciado.

Com relação a isso, Vogt (1980), depois de comentar que cada enunciação aponta para uma multiplicidade de significações, posiciona-se da seguinte forma: “Se insistirmos em entendê-lo [o sentido] apenas como a relação entre a forma lógica de um dado enunciado e a estrutura dos fatos que ele descreve ou a que se refere, estaremos privilegiando a função referencial, cognitiva ou denotativa da linguagem humana”. (VOGT, 1980, p. 141).

Essa multiplicidade de significações está presente nas relações estabelecidas entre os sujeitos pelo uso da linguagem, nos implícitos e pressupostos, no jogo de representações sociais, nas direções para as quais o discurso aponta.

Uma das marcas mais importantes do sentido é que ele é incompleto, intervalar (GUIMARÃES, 1985 e ORLANDI, 1983). Não é absolutamente transparente. Cabe justamente ao teórico e analista do texto explicar de que forma a não-transparência e a incompletude constituem o sentido do texto.

Ducrot (1984) estabelece uma distinção entre significação e sentido, destacando sua diferença de ponto de vista, em relação à tradição filosófica e à semântica formal, no trato com os dois termos. A significação corresponderia à caracterização semântica da frase, a um conjunto de instruções para a interpretação do enunciado. Já o sentido do enunciado é a representação de sua enunciação.

Assim, são constitutivos do sentido aquilo que o sujeito falante quer comunicar, a maneira como esse sujeito se representa e representa sua enunciação, as propriedades jurídicas da linguagem, a formação ideológica, a historicidade dos atos enunciativos. Enfim, não se tem valor semântico estabelecido *a priori*.

### 1.5 – Análise semântica: o conceito de recorte

A análise semântica deve comportar as múltiplas relações discursivas que se estabelecem pelo uso da linguagem. Não é suficiente reduzir a questão da significação linguística ao binômio som-sentido como era comum na linguística imanente. Só um tratamento que leve em conta o texto, o sujeito e as condições de produção do discurso pode dar conta da relação linguagem-ideologia.

Ducrot (1984) sugere a inserção da pesquisa semântica no que ele chama de pragmática linguística, sendo que o termo pragmática diz respeito à ação humana em geral; no caso da pesquisa semântica, trata-se de investigar a ação humana realizada por meio da linguagem.

Guimarães e Orlandi (1986) propõem a busca de um modelo de construção de sentidos com base na análise do discurso, qual procura explicitar, em termos de organização textual, como se constrói a unidade do texto a partir:

- a) do processo de produção de sentido (efeitos de sentido resultantes da posição do sujeito no jogo de representações);
- b) do modo de construção do sujeito (ilusão de unidade e autonomia).

Orlandi (1983) define a semântica discursiva como “a análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva que deve dar conta da articulação entre o processo de produção de um discurso e as condições em que ele é produzido”. Para a semântica discursiva, então, é de fundamental importância a noção de recorte, tal como é proposta por Orlandi (1984).

O recorte é uma unidade discursiva, correspondente a “fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação”. Propriedade marcante do recorte é que ele não pressupõe hierarquia nem é organizado e linear. Só através de um conceito como o de recorte é que se torna possível uma análise enunciativa que englobe as relações discursivas e a ligação linguagem-ideologia; só com essa noção se pode analisar textos levando em conta sua incompletude, suas condições de produção, a construção do sujeito, os efeitos de sentido. Outro ponto: o recorte pode ser realizado segundo vários critérios, sendo um deles o propósito da análise semântica (Orlandi, 1984). É o caso do que pretendemos fazer neste estudo: usaremos o recorte para mostrar, através das marcas presentes no texto analisado, a não-unicidade do sujeito, coisa que não conseguiríamos se nos prendêssemos à sequência linear das unidades do texto.

Podemos ilustrar essa vantagem com as palavras de Orlandi (1983):

observando-se os turnos em uma conversa, em que o processo de interlocução aparece em sua forma mais direta, diríamos que não há compartimentos estanques que se preenchem a cada turno dos interlocutores. Na verdade, não creio que haja uma sucessão linear, mas sim simultaneidade, o que redundaria em não haver um limite claro que separa o dizer de um e o dizer de outro. Nem há segmentos que se juntam linearmente para formar uma unidade maior. (ORLANDI, 1983, p. 148-149).

## 1.6 – O sujeito do discurso

Já comentamos anteriormente sobre uso de linguagem e interação social. Voltamos à questão para aprofundar a discussão acerca do complexo processo de construção do sujeito. Devemos partir do reconhecimento de que, do uso da linguagem, nasce tensão, confronto social.

O mundo do discurso comporta interação (debate) entre os interlocutores. Cada um desses interlocutores tem um lugar social que se evidencia na construção do discurso; não um lugar social estabelecido mecânica ou diretamente, mas um lugar social que resulta das contradições da constituição do sujeito e que é parte do sentido.

Como também são parte do sentido a simultaneidade da interlocução, o jogo de imagens que os interlocutores fazem de si e do outro, as intenções e atitudes veiculadas pelo discurso, o processo de relação implícito/explicito. Por isso se fala em multiplicidade ou efeitos de sentido.

A constituição do sujeito é social, contraditória. O sujeito não é o centro do processo discursivo, não transcende o universo social e textual; ele é um dos elementos constitutivos do texto pelo seu modo de funcionamento, da mesma forma como o são as unidades linguísticas, o encadeamento textual, a formação ideológica. O discurso e o contexto de produção obscurecem a autonomia do sujeito.

## 1.7 – Discurso e polifonia

Dada essa complexidade da constituição do sujeito, é preciso questionar a ideia da unicidade do sujeito falante, presente até mesmo na teoria da enunciação, a qual postula a transcendência e a consciência do eu.

Ducrot (1984) utiliza-se do conceito de polifonia, tomado de M. Bakhtin, exatamente para designar o processo de cruzamento de diferentes vozes com a voz do locutor dentro da construção discursiva. As várias vozes têm a ver com as várias posições sociais assumidas pelo sujeito. Uma teoria polifônica daria conta, então, do conjunto de possíveis intenções presentes no texto. Não é possível detectar, em virtude do fenômeno da polifonia, um único sujeito que fosse o responsável por aquilo que é dito. Na verdade, o sujeito desempenha papéis diversos, não sendo o seu lugar social único ou preestabelecido.

Segundo Guimarães e Orlandi (1986), podemos ter polifonia em duas situações:

- a) quando o recorte produzido representa mais de um locutor para o enunciado (há diferentes modos de representação do locutor);
- b) quando, num mesmo recorte, tem-se a representação de mais de um enunciador (há diversas perspectivas de onde se podem realizar as enunciações).

Ducrot (1984) propõe distinguir, no quadro da dispersão do sujeito, locutor (L), enunciador (E) e sujeito falante (F). O sujeito falante é o ser empírico, elemento da experiência. O locutor, ficção discursiva, ser do discurso, é o responsável pela enunciação. Tem-se em L a fonte do discurso e a ele se referem o pronome “eu” e outras marcas de primeira pessoa. O enunciador seria um ser que se exprime através da enunciação, indicando

ponto de vista, posição, atitude dentro do universo discursivo; ou seja, o enunciador não é responsável pelo dizer, mas indica lugar ou posição de onde L fala. Na verdade, L faz de sua enunciação uma representação, dispersando-se em enunciadores aos quais são atribuídos papéis.

Ducrot ainda mostra que cabe distinguir, dentro da noção de L, o locutor propriamente dito (L) e o locutor enquanto ser no mundo (£) ou enquanto pessoa completa que possui, entre outras, a propriedade de ser a origem do enunciado. L e £ são seres do discurso e constituem o sentido do enunciado. Visualizando esquematicamente, temos:

F – falante (ser empírico)
L – locutor (fonte do discurso)
E – enunciador (ponto de vista)
£ – locutor enquanto pessoa (ser no mundo)

Eis por que se fala de uma teoria polifônica da enunciação: o sentido do enunciado (representação da sua enunciação) comporta diferentes vozes que não coincidem, necessariamente, com a do falante ou a do locutor.

## 1.8 – A dispersão do sujeito

As diferentes posições do sujeito no texto (em virtude da complexidade de sua constituição, de sua não-unicidade) correspondem a diferentes formações discursivas. Além do mais, o texto é marcado por uma heterogeneidade ideológica mascarada de unidade. A formação discursiva é que, sendo dominante numa direção ou noutra, conduz à unidade do sujeito e do texto. Guimarães e Orlandi (1986) apontam a autoria como o lugar no qual se constrói a unidade do sujeito, pelo fato de este se constituir como autor ao constituir o texto. O chamado “efeito-sujeito” se dá:

- a) pelo posicionamento do sujeito como origem do seu enunciado;
- b) pela representação do sentido como algo evidente e transparente.

Na verdade, tem-se um jogo complexo, no qual se entrelaçam sujeito e autor, dispersão e unidade. Por exemplo, se um enunciado não traz consigo marcas da sua origem, é porque temos, em função de determinada formação discursiva, um ocultamento do sujeito que se representa como não sendo identificável. Levando em conta que o sentido não se estabelece previamente, que ele está condicionado à formação discursiva e, ainda, que há regularidade nos processos de funcionamento discursivo, entramos agora na segunda parte do trabalho, propondo-nos a analisar, na crônica *Negócio de menino*, de Rubem Braga, a dispersão do sujeito.

## PARTE II – ANÁLISE DE TEXTO

### 2.1 – O texto

Neste item, transcrevemos a crônica *Negócio de menino*, de Rubem Braga.

	NEGÓCIO DE MENINO (Rubem Braga)
1	Tem dez anos, é filho de um amigo, e nos encontramos na praia. – Papai me disse que o senhor tem muito passarinho...

5	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Só tenho três.</li> <li>– Tem coleira?</li> <li>– Tenho um coleirinha.</li> <li>– Virado?</li> <li>– Virado.</li> </ul>
10	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Muito velho?</li> <li>– Virado há um ano.</li> <li>– Canta?</li> <li>– Uma beleza.</li> <li>– Manso?</li> </ul>
15	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Canta no dedo.</li> <li>– O senhor vende?</li> <li>– Vendo.</li> <li>– Quanto?</li> <li>– Dez contos.</li> </ul>
20	<p>Pausa. Depois volta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Só tem coleira?</li> <li>– Tenho um melro e um curió.</li> <li>– É melro mesmo ou é vira?</li> <li>– É quase do tamanho de uma graúna.</li> </ul>
25	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Deixa coçar a cabeça?</li> <li>– Claro. Come na mão...</li> <li>– E o curió?</li> <li>– É muito bom curió.</li> <li>– Por quanto o senhor vende?</li> <li>– Dez contos.</li> </ul>
30	<p>Pausa.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Deixa mais barato.</li> <li>– Para você, seis contos.</li> <li>– Com a gaiola?</li> <li>– Sem a gaiola.</li> </ul>
35	<p>Pausa.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– E o melro?</li> <li>– O melro eu não vendo.</li> <li>– Como se chama?</li> <li>– Brigitte.</li> </ul>
40	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Uai, é fêmea?</li> <li>– Não. Foi a empregada que botou o nome. Quando ela fala com ele, ele se arre pia todo, fica todo despenteado, então ela diz que é Brigitte.</li> </ul>
45	<ul style="list-style-type: none"> <li>– O coleira o senhor também deixa por seis contos?</li> <li>– Deixo por oito contos.</li> <li>– Com a gaiola?</li> <li>– Sem a gaiola.</li> </ul>
50	<p>Longa pausa. Hesitação. A irmãzinha o chama de dentro d'água. E, antes de sair correndo, propõe, sem me encarar:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– O senhor não me dá um passarinho de presente, não?</li> </ul> <p>(Março, 1964)</p>



## 2.2 – A análise

Inicialmente, tomemos a sequência *Tem dez anos, é filho de um amigo, e nos encontramos na praia*. O narrador, no caso, coincide com uma das personagens do texto, o que é possível notar pela marca de primeira pessoa *nós*.

Aqui também se estabelece a diferença entre as personagens: um adulto e uma criança: o garoto é filho de um amigo do narrador e tem dez anos. O narrador será um locutor (fonte do discurso), que representarei pelo símbolo L<sub>1</sub>. Por sua vez, L<sub>1</sub> difere de outro locutor (a criança), representado por L<sub>2</sub>. Cada locutor se desmembra em locutor-enquanto-pessoa.

Correspondendo a L<sub>1</sub>, temos £1, que é o narrador personagem, ser do mundo, adulto, criador de passarinhos. Para L<sub>2</sub>, temos £2, criança que gosta de passarinho e quer ganhar algum do amigo do pai. A criança aborda o adulto sutilmente, mostrando que sabe que o adulto tem passarinhos, através do enunciado – *Papai me disse que o senhor tem muito passarinho...*, ao que o adulto responde – *Só tenho três*. A partir de agora, vai-se evidenciar a diferença entre adulto e criança em termos de lugar de onde falam L<sub>1</sub> e L<sub>2</sub>. L<sub>1</sub> coincide com o narrador, mas não é a mesma coisa que o enunciatador En. En representa a perspectiva de L<sub>1</sub> segundo a qual ele se apresenta como um adulto que percebe as intenções do garoto mas não dá a entender essa percepção, procurando, ao contrário, dirigir a conversa para um lado que o favoreça. No caso do menino, temos Em e Ei. Em corresponde à postura da criança que quer pedir um passarinho mas se encabula, procurando seguir algumas regras sociais de polidez e discrição. Já Ei seria o equivalente a uma outra posição na qual L<sub>2</sub> se apresenta como um garoto que simplesmente quer ganhar um passarinho por não poder comprá-lo. Interessante é notar que Em equivale a En e Ei equivale a £2. Esquemáticamente, teríamos o seguinte:

ADULTO	
L <sub>1</sub> – fonte do discurso, responsável pela enunciação; corresponde a narrador	
£1 – ser do mundo, adulto que cria passarinhos	
En – perspectiva de L <sub>1</sub> , percebe as intenções da criança e finge que não a entendeu	
L <sub>1</sub> ≡ N ≠ En	
CRIANÇA	
L <sub>2</sub> – fonte do discurso, responsável pela enunciação; o outro do diálogo	
£ – ser do mundo, criança, que quer receber um passarinho de presente	
Em – criança discreta	
Ei – criança que quer passarinho e se trai	
Em ≡ En	
L	
Ei ≡ £2	

Vejamos algumas marcas do que foi exposto até aqui. Em termos de escala argumentativa, *muito* (linha 3) contrasta com *só* (linha 4), conduzindo, cada um, para um raciocínio diferente:

L<sub>2</sub> - – *Papai me disse que o senhor tem muito passarinho...*  
L<sub>1</sub> - – *Só tenho três*.

é possível ganhar um passarinho	não é possível dar um passarinho
↑ muito	↑ só

Note-se que o dono dos passarinhos revela uma certa modéstia em suas respostas, ao passo que o menino parece ser exigente e entendido do assunto (linhas 5 a 10). Outro detalhe é o fato de que o adulto responde de maneira indireta às perguntas do garoto (linhas 11 a 14). Com – *O senhor vende?* (linha 15), temos uma nova investida do menino, que não pareceu se intimidar com o número reduzido de passarinhos alegado anteriormente. Inicia-se, de forma mais clara, uma negociação, sendo que a criança se representa como alguém que tem dinheiro e está disposto a pagar por um passarinho. Acontece que o menino se preocupa ou ameaça desistir do negócio. Faz pausa, recomeça, tentando mostrar depreciação com – *Só tem coleira?* (linha 20). Esse tom de depreciação continua em – *É melro mesmo ou é vira?* (linha 22), quando o garoto parece duvidar da pureza da raça do pássaro. Curioso é que, ao mesmo tempo, a fala do menino comporta depreciação, curiosidade, dúvida e interesse pelos tipos de passarinho. Por outro lado, o adulto responde às perguntas louvando seus passarinhos, o que parece confundir o garoto (o qual, certamente, cede aos encantos de tão bons animais). Isso se nota no trecho da linha 22 à linha 25.

O mesmo tipo de duelo recomeça quando o menino pergunta pelo curió. Em seguida, ele volta a falar em preço para reiniciar a negociação. Diante do preço, nova pausa, quebrada com um enunciado que já revela a dificuldade encontrada pelo garoto em simplesmente ganhar um passarinho por meio de sutilezas. Na linha 31, diz ele: *Deixa mais barato...*. O adulto, espertamente, apenas abaixa o preço do animal, usando um artifício pelo qual dá a impressão de que faz à criança uma concessão especial (*Para você, seis contos.*, linha 32). Novo regateio e nova defesa na discussão sobre a gaiola. O garoto faz outra pausa, recomeçando a negociar quando pergunta pelo melro, por sinal, o último dos três passarinhos. O dono dos animais esboça um fim para o diálogo quando afirma que o melro é inegociável. Resta ao menino perguntar qual o nome do melro, para ser discreto e para ganhar algum tempo na elaboração de outras manobras. Após uma pequena conversa sobre o nome do pássaro, o garoto silencia mais uma vez. Volta a falar, retornando ao coleira e dizendo: – *O coleira o senhor também deixa por seis contos?* (linha 45). O emprego de *também* é significativo. A reação do adulto se assemelha ao caso anterior, quando diminui o preço, simulando uma concessão. Novamente, o garoto tenta ganhar a gaiola e não consegue.

Nesta altura, o texto tem um marco fundamental. Na primeira sentença do diálogo, o garoto se colocou na perspectiva  $E_i \equiv £2$ . Diante de – *Só tenho três.* (linha 4), passa a falar de um novo lugar. Entra em cena  $E_m \equiv E_n$ . Diz o narrador, na linha 50: *Longa pausa. Hesitação.* O adjetivo *longa* é marca de uma pausa de natureza diferente e sugere que o menino terá outro tipo de comportamento. A hesitação é sinal de que  $E_m$  ainda duela com  $E_i$ . A irmã chama o garoto, o que é uma boa chance (pretexto para se afastar do homem). Aclara-se aqui a imagem  $E_i \equiv £2$ : o menino sai correndo e dá uma última cartada, provavelmente com medo ou vergonha, sem encarar o dono dos pássaros: – *O senhor não me dá um passarinho de presente, não?* (linha 53).

### PARTE 3 – CONCLUSÃO

Retomando alguns pontos que foram colocados na primeira parte deste trabalho, lembramos Vogt, segundo quem há na linguagem mais do que a “inocência da informação”. De fato, a crônica analisada nos mostra sujeitos de constituição complexa, que vivem um confronto, um debate em cujos intervalos está o sentido. O debate é instaurado e regulado pela linguagem. Certamente por isso é que Ducrot classifica a língua como uma atividade jurídica. O dizer depende da relação social criada pela interlocução. No texto de Rubem Braga, fica nítido que o sujeito da enunciação não é uno e autoconsciente. Ao contrário, temos sujeitos dispersos, distribuição de papéis, predomínio de certas representações sobre outras. São as



máscaras de que fala Vogt: os atos de fala são cenas dramáticas, nas quais se superpõem representações e vozes. E o texto tem marcas dessas representações, marcas que atestam estar o sentido vinculado à forma de funcionamento dos elementos discursivos. Assim fica caracterizada a relação linguagem-ideologia: não se trata de uma relação mecânica (como já foi visto), mas de uma relação que resulta da posição social dos interlocutores, da formação discursiva, das condições de produção do discurso. Com a análise aqui empreendida, esperamos ter mostrado as implicações da dispersão dos sujeitos do discurso para a constituição do sentido global do texto; esperamos, também, ter posto em evidência a relevância desse tipo de abordagem textual para a didática da leitura, defendendo a necessidade da apropriação, por parte dos professores de Português, de teorias linguísticas que possam enriquecer sua prática pedagógica e, por extensão, formar leitores proficientes e críticos.

### Referências

- DUCROT, O. Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation. In: **Le dire et le dit**. Paris: Minuit, 1984.
- \_\_\_\_\_. **La preuve et le dire**. Paris: Mame, 1983.
- GUIMARÃES, E. R. J. Não só... mas também: polifonia e argumentação. In: **Caderno de estudos linguísticos**, 8, DL, IEL, UNICAMP, 1985, p. 10-20.
- \_\_\_\_\_. Sobre alguns caminhos da pragmática. In: **Sobre pragmática**, Uberaba: Fiube, 1983, p. 15-29.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. Segmentar ou recortar. In: **Linguística: questões e controvérsias**. Uberaba: Fiube, 1984, p. 9-26.
- \_\_\_\_\_. e GUIMARÃES, E. **Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito**. São Paulo, 1986, mimeo.
- VOGT, C. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Hucitec/Funcamp, 1980.
- \_\_\_\_\_. **O intervalo semântico**. São Paulo: Ática, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Sobre pragmática**. Uberaba: Fiube, 1983.